

**NÚMERO EM HOMENAGEM A  
ERNESTO FARIA**



**ERNESTO FARIA**  
(1906 – 1962)



## PROFESSOR ERNESTO DE FARIA JÚNIOR

Rosalvo do Valle  
UFF-ABF-LLP

### 1. Introdução

Na historiografia lingüística brasileira, o nome do Professor Ernesto de Faria Júnior (1906-1962) está indissociavelmente ligado ao movimento de renovação dos estudos clássicos, de modo especial dos estudos latinos. Sempre em dia com a bibliografia lingüístico-filológica do seu tempo, e afinado com idéias pedagógicas renovadoras, deixou nas duas áreas uma contribuição marcante, até hoje de leitura indispensável. Com referência à língua latina, obras sobre o léxico e sobre a gramática, vista na perspectiva histórica ou diacrônica de sua formação. Na área pedagógica, obras autorais ou traduções sobre a atualidade dos estudos clássicos e sobre novas diretrizes para o ensino do latim.

Nos livros didáticos destinados ao ensino médio da época – as décadas de 40 a 60, anos dourados desta nova fase dos estudos clássicos no Brasil –, é notável a preocupação constante com a divulgação da cultura clássica, seja através de leituras específicas, seja através de comentários de textos, transcritos sempre das melhores edições. No ensino superior, além de valiosa produção científica, é preciso considerar seu empenho no aperfeiçoamento do professor. Com esse objetivo, promoveu, num saudável intercâmbio cultural com universidades estrangeiras, a vinda de renomados mestres europeus, entre os quais Jacques Perret, André Piganiol e o sábio e luminoso latinista Jules Marouzeau, de quem se considera discípulo.

O reconhecimento da valiosa contribuição de Ernesto Faria para os estudos clássicos e humanísticos, relacionados com a latinidade, motivaram seus ex-alunos, leitores e estudiosos, como ele, *amantissimi latinitatis*, para as homenagens que vêm sendo prestadas ao ilustre e aguerrido defensor da cultura clássica, sem dúvida o corifeu do movimento de renovação do ensino do latim no Brasil, no sentido de adequá-lo às novas orientações lingüísticas e metodológicas já de algum tempo firmadas em países estrangeiros, sobretudo europeus.

Foi assim no *Colóquio Ernesto Faria Comemorativo do Centenário de Nascimento*, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, de 24 a 28 de abril de 2006, promovido pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF e pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRJ, com o apoio de inúmeras instituições particulares e oficiais, livrarias e instituições financeiras. O autor destas linhas mereceu a honra de encerrar o Colóquio, com a conferência “Ernesto Faria e a renovação dos estudos clássicos”. Assim foi na Academia Brasileira de Filologia, de que Ernesto Faria era membro efetivo, na sessão especial de 20 de maio, em que este ex-aluno falou sobre sua obra.

O Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, onde lecionam e lecionaram muitos ex-alunos e colegas do ilustre latinista, associa-se, *summo gaudio*, a essas homenagens, e dedica este número de *Confluência* ao mestre que ostentava, com justificadas razões, o orgulho de ter alguns de seus livros adotados também em universidades portuguesas. Aliás, a obra de Ernesto Faria é sempre lembrada nos cursos que o Liceu Literário Português, há alguns anos, vem oferecendo sobre latinidade clássica e medieval, e sobre o humanismo em Portugal e no Brasil.

## 2. Dados biográficos

Ernesto de Faria Júnior, nasceu no dia 23 de maio de 1906 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, na Rua Baltasar Lisboa, nº 62, hoje Bairro da Tijuca, filho único de Ernesto de Faria, funcionário público, e Aurora Barbosa de Faria, professora de ensino primário. Órfão aos três anos e pouco, fez os primeiros estudos na escola em que sua mãe lecionava, e continuou-os no extinto Colégio Ateneu Brasileiro, ambos próximos de sua residência. Em 1918 estudou no internato do Colégio Salesiano de Santa Rosa, Niterói, RJ, transferindo-se em 1919 para o Colégio Anchieta, internato jesuítico de Nova Friburgo, RJ, onde estudou até 1921. Concluiu o curso secundário pelo regime então vigente de exames parcelados.

Esse ano de 1921 é marcante na vida de Ernesto Faria. Aos quinze anos, conheceu o grande mestre de sua carreira – e mestre pela vida fora –, o professor Antenor Nascentes, cujas aulas de português no Curso de Rui Maurício de Lima e Silva, passou a frequentar, “naturalmente cativado pelo fascínio do mestre e vencido pelo irresistível de sua própria vocação para estudos lingüísticos”, como diz a professora Aída Costa, acrescentando que Antenor Nascentes

tes, em pronunciamento na Academia Brasileira de Filologia, em abril de 1962, relembrou “com profunda emoção o menino de quinze anos, “de olhar vivo e sorriso indefinido”, cuja imagem, nítida, lhe ficara na retina” (1).

Pelos anos 22 ou 23, Nascentes passou a dar aulas particulares de francês a D. Aurora, aulas a que o jovem assistia com vivo interesse, e que lhe aproveitaram tanto, que aos dezessete anos o mestre o incentivou a viajar para a Europa a fim de aperfeiçoar-se naquela língua. Por essa época, também, Ernesto Faria iniciava seu magistério, dando aulas particulares. Falou mais alto, porém, o amor filial, e o jovem não se afastou da mãe extremosa, que assumira desde muito cedo todas as responsabilidades na criação do filho, que, agora, podia ajudar na manutenção da casa. Foi também o momento decisivo da carreira do futuro catedrático de Língua e Literatura Latina, marcado, mais uma vez, pela presença providencial de Antenor Nascentes, que o orientou no estudo do latim e lhe pôs nas mãos a obra pioneira de Vicente de Sousa, *Restituição da pronúncia latina*, de 1902, o mesmo tema de que, trinta anos depois, Ernesto Faria tratou na tese de concurso para o Colégio Pedro II – *A pronúncia do latim. Novas diretrizes ao estudo do latim* – expressivamente dedicada a seu mestre: “Ao insigne e sábio mestre Dr. Antenor Nascentes, a quem devo minha iniciação nos estudos filológicos”. Na edição, revista, de 1938, com o título de *Manual de pronúncia do latim*, a obra tem outra expressiva dedicatória, a marcar a posição renovadora que Ernesto Faria assumiu definitivamente: “À memória de Vicente de Sousa – que foi o primeiro no Brasil a pugnar pela restituição da pronúncia clássica do latim estabelecendo, em suas aulas no Colégio Pedro II, o critério filológico”.

A vocação de professor leva-o irresistivelmente ao magistério, abandonando o curso de Direito, que iniciara na Faculdade de Direito de Niterói, contrariando a vontade da mãe que o queria advogado, na época – e durante muito tempo – a profissão de maior prestígio na área de estudos humanísticos, a preferida de certa elite de nossa história cultural. E foi-se firmando como professor a partir de 1925, ano em que se inicia como professor de latim, no Curso Andrews.

Casou-se em 1928 com D. Nair Pereira de Faria, que faleceu em 1948, deixando-lhe quatro filhos: Dulce, Paulo, Roberto e Augusto Celso. Em 1950, em segundas núpcias, casou-se com D. Ruth Junqueira, também professora de latim e tiveram igualmente quatro filhos: Maria Dulce, Maria Helena, Regina Lúcia e Francisco Eduardo. Dos oito, não estão mais entre nós os dois primeiros. D. Ruth Junqueira de Faria, extraordinária como esposa e mãe, infatigável colaboradora, morreu em 28 de agosto de 1993.

Nesses quase quarenta anos de magistério, Ernesto Faria trabalhou no ensino particular e no ensino público de nível médio e de nível superior. A vocação de educador levou-o mesmo a fundar o Colégio Ernesto Faria na Rua Anita Garibaldi, nº 33, Copacabana, que, contudo, só conseguiu manter por dois anos (1930-1932). No ensino superior exerceu também as funções administrativas pertinentes a quem se dedica à vida universitária. E ele viveu-a intensamente, desde a criação da Universidade do Distrito Federal, por volta de 1935, até seu último dia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, 14 de março de 1962.

### 3. Atividades docentes

*Vita brevis*, já tínhamos aprendido com o velho Horácio. No caso de Ernesto Faria a brevidade da vida (morreu com cinquenta e seis anos incompletos) não o impediu de nos deixar um exemplo de quanto se pode realizar, apesar dos obstáculos que teve de superar. Viveu intensamente sua vida pessoal e sua vida profissional. As perdas, às vezes sem remédio, na família, o insucesso do primeiro concurso no Colégio Pedro II, a morte de amigos queridos, os desencontros profissionais nem sempre fáceis de contornar – a tudo se sobrepôs sua índole combativa. Só não resistiu à derrocada do latim e ao esvaziamento programado da cultura clássica de que foi sempre o aguerrido defensor.

Em 1925, recebeu a primeira nomeação para examinador de latim, português e francês em comissões oficiais de ensino médio. No ano seguinte ingressou no Colégio Pedro II como professor suplementar, e em 1927 já fazia parte de comissões examinadoras. Em 1929, como professor de latim no Lycée Français, recebeu uma honrosa referência especial de um dos maiores historiadores da cultura romana, Jérôme Carcopino, professor da Sorbonne, que, visitando o colégio, assistiu a uma aula de Ernesto Faria e fez elogios à competência e ao desempenho pedagógico do jovem professor. Em 1930, tendo sido classificado em concurso de provas para a seção de português, latim e literatura do ensino técnico-secundário do Distrito Federal, foi designado para a Escola de Comércio Amaro Cavalcanti, onde foi professor de Antônio Houaiss, que evoca esse encontro no belo texto reproduzido adiante. Com a adoção do sistema federal de ensino nas escolas técnicas municipais, Ernesto Faria foi transferido para latim, “por conveniência do ensino e à vista dos títulos apresentados”. Continuou a ensinar latim na rede oficial, estando em exercício no Instituto de Educação no final de sua carreira.

No ensino superior o nome de Ernesto Faria começa a tornar-se conhecido a partir da implantação da Universidade do Distrito Federal. Em 1936, Jacques Perret, professor titular de língua e literatura latina da Universidade de Montpellier, aqui esteve ministrando cursos e convidou-o para dar morfologia histórica do latim, atribuição de que ele se desincubiu com elogios do grande latinista francês. Uma grata lembrança da estada de Jacques Perret entre nós é a publicação de três conferências, uma na Universidade do Distrito Federal e duas na Associação Brasileira de Educação, publicadas com o título de *A atualidade dos estudos greco-latinos*. Ernesto Faria traduziu a primeira, que dá título à obra, e encarregou-se da publicação. O autor registra no prefácio seu agradecimento ao “*Prof. Ernesto Faria que teve a fineza de acompanhar de perto a impressão de todo o trabalho*”. As duas outras, *A mensagem de Platão* e *A formação de uma cultura nacional*, foram traduzidas respectivamente por Gustavo Lessa e Juraci Silveira (2). No texto de Sousa da Silveira, reproduzido adiante, o eminente filólogo faz referência à atividade docente de Ernesto Faria na Universidade do Distrito Federal, em 1937, também em lingüística.

Em 1938, é nomeado professor adjunto da segunda seção didática, e logo depois, por decisão administrativa, torna-se catedrático de latim da Universidade do Distrito Federal. Extinta a UDF e criada a Universidade do Brasil, é nomeado, em 14 de julho de 1939, professor catedrático de Língua e Literatura Latina da Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1º de dezembro, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em nome do Presidente da República, Getúlio Vargas, apostilando o decreto de nomeação, declara que “o mencionado Professor passaria a exercer, interinamente, aquele cargo” (Diário Oficial de 7/12/1939).

Em 1946 deixa a condição de interinidade e torna-se efetivamente professor catedrático, em decorrência de sua aprovação no concurso de provas e títulos a que se submeteu perante a banca examinadora integrada pelos professores Clóvis Monteiro, Urbano Canuto Soares, Antônio dos Santos Jacinto Guedes, Ismael de Lima Coutinho e Serafim da Silva Neto. Tomou posse no dia 4 de abril de 1946 em solenidade presidida pelo Reitor Inácio de Azevedo Amaral, presente o Diretor Antônio Carneiro Leão. Saudaram o novo catedrático os professores Faria Góis Sobrinho, em nome da Congregação, Sousa da Silveira, como catedrático de Língua Portuguesa; Jorge Henrique Agostinho Padberg Drenkpol, catedrático aposentado de Língua e Literatura Grega, e P<sup>o</sup>. José Joaquim Lucas, em nome dos assistentes de Língua e Literatura Latina. Pelo corpo discente falou Baltasar Xavier de Andrade e Silva, do quarto ano de Letras Clássicas.

Publicamos pela primeira vez os discursos dos representantes do corpo docente e do corpo discente por motivos que nos parecem óbvios, e o leitor entenderá sem dificuldades. Esses e outros textos não poderiam ficar inéditos nos manuscritos originais. Os estudiosos de nossa historiografia filológico-lingüística – promissora área de pesquisa – saberão valorizá-los.

O *Boletim de Filologia* assim registrou essa aprovação:

“Depois de brilhante concurso de títulos e provas, o Prof. Ernesto Faria tomou posse, no dia 18 de junho (sic), no cargo de Professor Catedrático de Língua e Literatura Latina, da Faculdade Nacional de Filosofia”.

A imprensa carioca não ficou indiferente a esse grande momento da vida universitária do Rio de Janeiro. A solenidade de posse do jovem catedrático está registrada no dia 3/4/46, nos jornais *Correio da Manhã*, *A Noite* e *Jornal do Brasil*; e no dia 4 em *Brasil-Portugal* e novamente no *Jornal do Brasil*.

Assim, aos quarenta anos de idade, Ernesto Faria atingia, gloriosamente, o ponto mais alto da carreira universitária. Pena que nesse momento glorioso não tivesse mais a presença de D. Aurora Barbosa de Faria, a mãe extremosa, lembrada afetuosamente na dedicatória da tese:

À memória de minha adorada Mãe, a cuja desvelada dedicação de todos os momentos devi com a minha própria vida, toda a minha formação cultural.

#### **4. Participação na vida universitária**

A participação plena na vida universitária leva o professor, muitas vezes com prejuízo de sua produção científica, ao exercício de funções administrativas, e de outras que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão. Ernesto Faria foi membro do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade Nacional de Filosofia, Chefe do Departamento de Letras, Vice-Diretor e Diretor.

Integrou várias comissões examinadoras de concurso para cátedra (Língua e Literatura Grega, Língua e Literatura Francesa, Língua e Literatura Italiana, Literatura Brasileira), ou para doutorado e livre-docência (Língua Portuguesa, Filologia Românica). E não só no Rio de Janeiro. Também na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (Filologia Românica), Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais (Literatura Latina). No ensino médio examinou o concurso para professor de latim da Prefeitura do Distrito Federal (1955) e para a cadeira de latim do Colégio Pedro II

(1961) – em que Sílvio Elia obteve o primeiro lugar –, além de ter integrado outras comissões de concursos de ensino médio oficial.

Participou de congressos nacionais como representante da Faculdade Nacional de Filosofia: Congresso de Dialectologia e Etnografia (Rio Grande do Sul, 1958), Congresso Internacional de Crítica Literária (Recife, 1960), II Congresso de Língua Falada no Teatro (Salvador 1956).

Fora do país, Ernesto Faria também teve o reconhecimento da dimensão universitária de sua obra. Em 1948, a convite do Adido Cultural da França, participou dos trabalhos iniciais do ano letivo da Faculdade de Letras da Universidade de Paris; em 1951 fez na Sorbonne uma conferência sobre Pêrsio; a convite do governo português, na Universidade de Coimbra falou sobre “Lucílio e as origens da sátira latina”, conferência publicada, “com alguns acrescentos e notas” na *Revista Filológica*. Em outubro de 1953 foi autorizado pelo Presidente da República a se afastar do país por seis meses “a fim de realizar, na Europa, estudos relacionados com os programas de assistência técnica prestada por organizações internacionais aos países subdesenvolvidos”; e em 1954 vemo-lo representante oficial do Brasil no II Congresso Internacional de Estudos Clássicos, realizado em Copenhague.

Em 1959 é mais intensa sua atividade na Europa: delegado oficial do Brasil e representante da Associação de Estudos Clássicos no III Congresso de Estudos Clássicos, em Londres; estágio na Faculdade de Letras da Universidade de Paris; visita a várias faculdades portuguesas, como convidado oficial do governo; participação em Congresso de Filologia, na Rumênia, também como convidado oficial; recepção na *Société des Études Latines*, de Paris, sendo saudado por Jules Marouzeau, Jacques Perret e Marcel Durry; participação em sessão especial, a convite do *Groupe Romand de la Société des Études Latines*, para falar sobre os estudos clássicos no Brasil.

## 5. Outros títulos

Constam ainda do *curriculum vitae* outros títulos muito expressivos de seu renome no Brasil e na Europa: membro da *Société des Études Latines*, de Paris, a convite de Jules Marouzeau (1932); fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Latinos, sendo eleito seu administrador perpétuo (1939); presidente do Departamento de Lingüística da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (1943); membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia (1944); membro correspondente da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo; membro perpétuo da *Société des Études Latines* (1947); membro fundador da

*Association Guillaume Budé* (1947); conselheiro da Associação de Estudos Clássicos do Brasil (1959), eleito seu presidente em 1960; *Medalha Anchieta* conferida pelo Governo do Estado da Guanabara (1960).

## 6. Ernesto Faria acadêmico

Com relação à Academia Brasileira de Filologia, cabe uma referência especial por se tratar, a nosso ver, de um título às vezes apenas referido, mas de grande importância para avaliar a intensa participação de Ernesto Faria no contexto cultural de seu tempo, além das atividades docentes.

Ernesto Faria foi eleito em 18 de novembro de 1944, três meses depois da fundação da Academia (26/8/44), em sessão presidida por Sousa da Silveira e secretariada por Modesto de Abreu e Serafim da Silva Neto. Concorreram vinte candidatos para preenchimento das dez vagas restantes de membros efetivos para completar-se o número de quarenta previsto nos Estatutos. Informamos, ainda mais, A. J. Chediak, na preciosa e paciente pesquisa sobre a história da Academia, que votaram vinte e seis acadêmicos:

“Fizeram-se três escrutínios, dos quais resultou ficarem desde logo eleitos, pelo *quorum* de dois terços da Academia, de acordo com as disposições dos Estatutos, cinco dentre os concorrentes. Foram estes os Srs. Professores Afrânio Peixoto, Basílio de Magalhães, Ernesto Faria Júnior, Saul Borges Carneiro e Sílvio Elia”. (3)

Nesse precioso texto, ainda inédito, há registros de sua participação como acadêmico, tais como: a) na sessão de 21 de setembro de 1947, seu pronunciamento com louvor sobre o valor filológico da conferência de Padberg Drenkpol intitulada “A origem da expressão riso sardônico”, mesma manifestação de Mattoso Câmara e de Júlio Nogueira; b) seu comparecimento ao enterro do mesmo Padberg Drenkpol, em Petrópolis, como representante oficial da Academia e da Faculdade Nacional de Filosofia, de que era Diretor eventual. Proferiu a oração de despedida ao sábio acadêmico, também seu colega de magistério naquela Faculdade e por quem fora saudado, em latim, na sua posse como catedrático. Deu notícia dessa missão oficial na sessão de 24 de agosto de 1948; c) integrante da Comissão de Línguas Neolatinas, com Antenor Nascetes e Clóvis Monteiro.

Ernesto Faria foi o primeiro ocupante da cadeira nº 4, cujo patrono é o maranhense Francisco Sotero dos reis, seguro latinista e gramático respeitável, sobre o qual escreveu na *Revista Filológica*, cumprindo a praxe acadêmica de se preservar a memória do patrono.

## 7. Ernesto Faria no contexto lingüístico-filológico brasileiro

As referências à participação de Ernesto Faria na Academia Brasileira de Filologia, bem como suas publicações na *Revista Filológica*, na *Revista Brasileira de Filologia* e no *Boletim de Filologia*, relacionadas na bibliografia, parecem-me importantes para contextualizar o autor e a obra na historiografia lingüístico-filológica brasileira.

Sílvio Elia fez magistralmente esse estudo crítico nos *Ensaio de Filologia e Lingüística*, em duas páginas repassadas de saber lingüístico e da indispensável sabedoria do coração.

No capítulo intitulado “Os estudos filológicos no Brasil” situa Ernesto Faria, Ismael de Lima Coutinho, Cândido Jucá (filho) e Joaquim Mattoso Câmara Jr., como figuras intermediárias na transição da geração de 1920-1940 para a terceira geração (1940-1960), em que ele próprio se inclui.

Os quatro autores convivem com a geração de Sílvio Elia, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Glástone Chaves de Melo, Jesus Belo Galvão, Carlos Henrique da Rocha Lima, Renato Mendonça, Albino de Bem Veiga.

Entende Sílvio Elia que essa geração:

“Representa a transição do autodidatismo das gerações anteriores para a formação universitária, ainda incipiente e deficiente, da maioria de nossas Faculdades de Filosofia. Lecionam praticamente todos em tais institutos de ensino superior, embora nem sempre tenham cursado uma Faculdade de Letras. Constituem, pois, uma transição, pois... já eram professores registrados quando (1940) a Faculdade Nacional de Filosofia iniciou as suas atividades”. (4)

Esse o momento cultural em que iria atuar o Professor Ernesto Faria. Compreende-se, então, seu extraordinário papel como renovador na área dos estudos clássicos, papel que Sílvio Elia apreende lucidamente:

“A sua luta triunfante, principalmente depois que se criaram no país as cadeiras de Língua Latina nas Faculdades de Filosofia, foi no sentido de retirar o ensino do velho idioma do Lácio da estagnação em que se achava. Retemperar os estudos clássicos com os ensinamentos de um Niedermann, um Ernout, um Marouzeau, ensinamentos que, na Europa, já se encontravam tranqüilamente reduzidos a compêndios, foi-lhe motivo de pregação constante e quiçá tempestuosa. Mas agora são poucos e cada vez menos os recalcitrantes e os inconformados com o progresso da Filologia Clássica”. (4)

Os especialistas me desculpem as longas transcrições, mas nunca me esqueço de que escrevo para graduados em Letras que – não por sua culpa,

reconheçamo-lo – desconhecem quase totalmente fundamentos de latinidade, de romanística, de história da língua, de nossa historiografia lingüístico-filológica. Vivemos, a partir dos anos sessenta, um outro corte epistemológico, em que a orientação lingüística hegemônica privilegia a descrição lingüística de natureza sincrônica, com quase total abandono do latim e de enfoques histórico-dia-crônicos.

A dimensão universitária da obra de Ernesto Faria, que o tornou digno de renome internacional e lhe assegurou referência obrigatória na nossa historiografia lingüística, foi reconhecida por autores brasileiros e estrangeiros em artigos e em resenhas de revistas especializadas. Entre nós, será mais fácil agora reunir bom número dessas recensões, graças à paciente e utilíssima pesquisa de Eduardo Tuffani, recém-publicada, *Repertório Brasileiro de Língua e Literatura Latina* (5). No estrangeiro, ocorre-me de pronto a *Révue des Études Latines*. Aliás, o próprio Ernesto Faria transcreveu em algumas obras trechos desses juízos críticos.

Quero, porém, destacar as referências de Eugênio Coseriu, sempre luminoso lingüista, no estudo *Panorama da lingüística ibero-americana (1940-1965)*, publicado em *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem* (6). Nesse longo capítulo, Ernesto Faria é citado em diferentes tópicos da abordagem coseriana: a) como um dos nomes da “geração vencedora da batalha pela lingüística científica”; b) como um “dos lingüistas de relevo” do Rio de Janeiro, então, “o centro maior da lingüística no Brasil”, cuja contribuição na área de estudos latinos é posta ao lado da de Mattoso Câmara em lingüística geral, de Serafim da Silva Neto em lingüística românica, do mesmo Serafim em história da lingüística, e de Mattoso Câmara em lingüística indígena; c) em didática das línguas, como autor de uma de “duas obras importantes sobre o ensino do latim”: *O latim e a cultura contemporânea* (Coseriu considera a *Introdução à didática do latim* uma 2ª edição, bastante ampliada, da anterior) e *O ensino do latim. Doutrina e métodos*, de Sílvio Elia; d) no tópico línguas clássicas, como autor de duas obras de bom nível científico, a *Fonética histórica do latim* e a *Gramática superior da língua latina*; e) finalmente, ao referir-se ao enorme interesse pela lingüística nas universidades brasileiras e à “notável difusão de certas obras lingüísticas”, Eugênio Coseriu volta a citar a *Fonética histórica do latim*.

O destaque parece-me sublinhar aquele viés da obra fariana que Sílvio Elia também apreciou com a dupla visão de latinista e de lingüista: reorientação do estudo e do ensino do latim com as novas contribuições da lingüística e da pedagogia, como o líder, nos estudos latinos, daquela “geração vencedora da

batalha pela lingüística científica”. Entende-se, pois, a profunda repercussão de suas obras no ensino médio e no superior, vale dizer, na educação brasileira.

## 8. Ernesto Faria catedrático

Foi assim que este ex-aluno o conheceu, ao iniciar o curso de Letras Clássicas em 1946, na “nossa Faculdade”, com ele dizia afetuosamente: o latinista consagrado, aqui e no exterior, que renovou o ensino do latim, tanto na doutrina quanto na metodologia, divulgando as idéias lingüísticas que se firmam a partir do final do século XIX com as conquistas do método histórico-comparativo, que a filologia clássica incorporou definitivamente.

Como catedrático de Língua e Literatura Latina, Ernesto Faria consolidou essa nova orientação, distribuindo o conteúdo programático do curso de Letras Clássicas, no antigo regime anual (1946-1949), de forma que Língua Latina se estudava em quatro anos: 1º ano – Fonética histórica; 2º ano – Morfologia histórica; 3º ano – Sintaxe; 4º ano – Estilística. Literatura Latina seguia a periodização geralmente apresentada nos bons compêndios, passando-se depois à leitura de alguns autores do período arcaico, do clássico e do pós-clássico.

Para cumprir a programação dos currículos de Letras Clássicas, Línguas Neolatinas e Línguas Anglo-Germânicas, o Professor Faria contava com a assistência do P<sup>e</sup>. José Joaquim Lucas, de Maria Amélia Pontes Vieira e de Sieglinde Monteiro Autran. A seu cargo ficou Língua Latina, e foi com sua orientação que lemos a *Phonétique Historique du Latin*, de Niedermann; a *Morphologie Historique du Latin*, de Ernout; a *Syntaxe Latine*, de Riemann; e o *Traité de Stylistique Latine*, de Marouzeau – os compêndios oficiais de cada ano letivo. De Literatura Latina encarregou-se a Prof<sup>a</sup>. Maria Amélia Pontes Vieira (hoje Alcofra), a inesquecível Professora Amelinha, admirável motivadora da leitura dos textos, que nos deixou a gratíssima lembrança das aulas de Ilustração Literária, que nos despertaram o gosto de ler os autores latinos. Impossível reler Plauto e Terêncio sem lembrar aquelas aulas magistrais!...

A orientação do mestre estendeu-se, no âmbito da Universidade do Brasil, ao Colégio de Aplicação, onde, com a professora regente de prática de Ensino, Clarice Lourdes das Neves – sua ex-aluna no Colégio Paulo de Frontin e na Faculdade Nacional de Filosofia –, os alunos e ex-alunos continuaram suas diretrizes. Estendeu-se à Faculdade Fluminense de Filosofia, de Niterói, fundada em 1947, onde se adotou durante algum tempo o mesmo currículo de Letras.

O regente da cadeira, Ismael de Lima Coutinho, seu confrade na Academia Brasileira de Filologia, em linhas gerais seguiu as mesmas diretrizes teóricas. Além disso, constituiu o corpo docente da Faculdade Fluminense de Filosofia grande número de formados pela Faculdade Nacional. Um deles, o já referido Baltasar Xavier de Andrade e Silva, regente de Língua e Literatura Grega, durante algum tempo respondeu também pela cadeira de Língua e Literatura Latina, nos impedimentos de Ismael Coutinho, enquanto Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro. A partir de março de 1949, o autor deste texto, que por dois anos fora auxiliar de ensino do Prof. Faria, convidado para assistente de seu querido mestre Ismael Coutinho, também continuou a orientação que recebera.

## 9. Vida e morte na “nossa faculdade”

Ernesto Faria exerceu a cátedra até seu último momento, naquela tarde trágica de 14 de março de 1962. Construiu sua obra sem se afastar das estimulantes atividades de professor, em contato com os alunos, com os colegas, uma saudável troca de idéias; mas também não se poupou do exercício de funções administrativas, a um tempo traiçoeiramente sedutoras e profundamente desgastantes. Sua correspondência particular registra a preocupação de amigos com problemas de saúde dele, sobrecarregado com a direção da Faculdade. Com todos os tropeços Ernesto Faria não descuidou da obra, e nos legou uma apreciável bibliografia.

Às questões de saúde, porém, somou-se uma outra, por certo bem mais grave: o duro golpe que os estudos clássicos sofreram com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4024, de 24/12/61), que, ao revogar a Reforma Capanema é, realmente, um divisor de águas na história da educação brasileira. Ficou-nos, além do mais, esse marco de triste memória: a morte trágica de Ernesto Faria em plena Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia, na sessão de 14 de março de 1962, iniciada às 15 horas, e assim tragicamente interrompida.

Ao discutir a nova legislação, não resistiu ao tratamento que dá ao latim. E o protesto violento, que começara a escrever de manhã, em casa, ficou em pouco mais de uma página. O grande defensor dos estudos clássicos e da formação humanística morreu com o latim. (7)

Ernesto Faria já pressentira com lucidez a acentuada tendência anti-humanística de projetos que desde 1948 viriam a formalizar-se na LDBEN. Na *Introdução à Didática do Latim* (1959), ao examinar a educação brasileira,

faz brilhante defesa da “persistente tendência humanística de nossa tradição pedagógica”, um texto antológico em que se aliam admiravelmente o latinista e o educador. Convido o leitor a reler especialmente o trecho de páginas 90 a 97.

Sobre o assunto, aliás, merece registro o pronunciamento da Academia Brasileira de Filologia, sob a presidência de Sousa da Silveira, na sessão de 30 de outubro de 1948, de que Ernesto Faria participou, sobre o alerta de Sílvio Elia focalizando “o artigo em que é proposta a supressão do estudo do latim do currículo ginásial e sua inclusão nas séries do 2º ciclo, porém em caráter facultativo”. Eis o texto: “*A Academia Brasileira de Filologia, tendo tomado conhecimento pelos jornais da Exposição de Motivos do Exm<sup>o</sup>. Sr. Ministro da Educação ao encaminhar o anteprojeto das Bases e Diretrizes da Educação Nacional, louva os propósitos, aí manifestados com a civilização greco-latina, de que provimos, mas, ao mesmo tempo lamenta que tenha sido afastado, com a supressão do ensino obrigatório do latim, o único meio de, na realidade, atingir esses dois objetivos*”. (3)

Esta foi a causa por que Ernesto Faria sempre lutou... até a morte.

Morte que repercutiu profundamente. Na Faculdade, na Academia, nos centros e associações culturais de que participava, aqui e na Europa – todos ainda mal refeitos de outra perda imensa, dois anos antes, em 23 de setembro de 1960: a de Serafim da Silva Neto, este gigante da romanística e da história da língua portuguesa, amigo fraterno de Ernesto Faria.

Entre seus assistentes e alunos a presença do mestre levou, muitas vezes, a evocações repassadas de afetuosa saudade, como a da Prof<sup>ª</sup>. Amelinha, um lindo texto, datado de 23/5/1962, dia em que se comemorariam os 56 anos do mestre inesquecível – um testemunho de amizade e de reconhecimento que não poderia ficar inédito. Como também não pode ficar perdido nos jornais do tempo o artigo de Tristão de Ataíde – o querido Prof. Alceu Amoroso Lima que este ex-aluno tem sempre presente em suas saudades, breve, porém denso artigo em que o mestre de nossa melhor crítica literária evoca o saudoso amigo e humanista desaparecido tão prematuramente.

No Brasil e no Exterior foram muitas as manifestações de pesar, algumas das quais, cedidas gentilmente por D. Ruth, foram divulgadas pela Prof<sup>ª</sup>. Aída Costa no texto já referido. Aqui reproduzimos a notícia de Jules Marouzeau, publicada na *Révue des Études Latines*.

## 10. *VXOR OPTIMA*

Não poderia concluir esta homenagem sem uma referência especial àquela a quem Ernesto Faria dedica a *Fonética Histórica do Latim*, com a carinhosa

epígrafe *VXORI OPTIMAE*, a Prof<sup>a</sup>. Ruth Junqueira de Faria, a esposa incansável, a colaboradora competente e solícita. Para nós, a colega admirável, sempre solidária.

Conheci-a em 1949, último ano do curso de Letras Clássicas, quando D. Ruth assistiu às aulas de Estilística Latina que o Prof. Faria nos ministrava, com a leitura indispensável do *Traité de Stylistique Latine*, de Jules Marouzeau. Soubemos que era uma professora de latim do Instituto de Educação, colega do mestre, a futura *uxor optima*.

Voltei a encontrá-la muitos anos depois, já professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde fez o mestrado, concluído com a dissertação *Aspectos lexicais e estilísticos do bucolismo vergiliano* (1974). Acompanhei de longe sua atividade docente e sua constante presença na revista Calíope, da Faculdade de Letras da UFERJ. Nunca se valeu das glórias do ex-catedrático. Fez seu *cursus honorum* honrando-lhe a memória: doutrina segura, participação efetiva na vida universitária, na sala de aula, nas publicações, nos eventos.

Em abril de 1976 fizemos o concurso de provas e títulos para a livre-docência em Língua Latina, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, disciplina de que eu era titular. Ela defendeu a tese *Lívio Andronico: a obra, a língua, a métrica*, que dedicou a Ernesto Faria. (8) Eu, a tese *Considerações sobre a “Peregrinatio Aetheriae”*, que dediquei a Ismael de Lima Coutinho. (9)

Foi o momento em que passei a admirar ainda mais a grande figura de mulher e de profissional: seu comportamento em todas as etapas do concurso foi exemplar.

Morreu no dia 28 de agosto de 1993 na Faculdade de Letras da UFRJ, participando de uma banca examinadora de doutorado, Como o marido, morreu no local de trabalho, no exercício do cargo que ela também ocupou com dignidade; até a morte.

## 11. Bibliografia

Reproduzimos a bibliografia do *Dicionário Escolar Latino-Português*, 6ª edição, revisão de Ruth Junqueira de Faria, com prefácio de Walmírio Macedo e a homenagem (que transcrevemos adiante) de Antônio Houaiss – ex-alunos do autor. Acrescentamos as teses de concurso e as publicações que conseguimos localizar em revistas especializadas.

Nota do original: “Em alguns casos, não foi possível ter em mão as edições subseqüentes, daí a sua não inclusão nesta relação”.

- 1934 – 1) FARIA, Ernesto. *Síntese de gramática latina* (redigida especialmente para servir ao ensino de latim). Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1934. 151 p., il.  
1.1 \_\_\_\_\_. *Síntese de gramática latina*. 2ª ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1940. 150 p., il.
- 1934 – 2) \_\_\_\_\_. *O latim e a cultura moderna* (conferência realizada na Associação Brasileira de Educação, Departamento do Rio de Janeiro, e publicada no “Jornal do Comércio”). Rio de Janeiro, 1934.
- 1935 – 3) \_\_\_\_\_. *O latim pelos textos* (trechos escolhidos, anotados e graduados para o estudo do latim). Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1935. 400 p., il.  
3.1 \_\_\_\_\_. 3ª ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1941. 408 p., il.  
3.2 \_\_\_\_\_. 4ª ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1942, 408 p., il.  
3.3 \_\_\_\_\_. (trechos escolhidos, graduados e anotados segundo os atuais programas). 1ª e 2ª séries ginasiais, 5ª ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1944, 331 p., il.
- 1937 – 4) \_\_\_\_\_. *Les études latines dans le monde – Au Brésil*. *Révue des Études Latines*, Paris, 1937.
- 1938 – 5) \_\_\_\_\_. *Manual de pronúncia do latim (exposição teórico-prática da pronúncia clássica do latim)*. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1938  
6) \_\_\_\_\_. *Sulpícia, a poetisa do “Corpus Tibullianum”*. In: MISCELÂNEA (em honra de Manuel Said Ali). Rio de Janeiro, 1938.
- 1940 – 7) \_\_\_\_\_. *Panorama lingüístico da Itália romana*. In: MISCELÂNEA (em honra de Antenor Nascentes). Rio de Janeiro, 1940.
- 1941 – 8) \_\_\_\_\_. *O latim e a cultura contemporânea* (I. A questão do latim. II. As modernas diretrizes do ensino do latim). Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1941, 258 p.
- 1943 – 9) \_\_\_\_\_. *Gramática elementar da língua latina* (com textos de aplicação, selecionados dos autores indicados no programa atual, e exercícios). São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1943, 263 p.  
9.1 \_\_\_\_\_. 1ª e 2ª séries, 3ª ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1944, 275 p.
- 1943 – 10) \_\_\_\_\_. *Vocabulário latino-português* (significação e história das palavras, agrupadas por famílias, segundo os programas atuais). Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1943, 534 p.
- 1945 – 11) \_\_\_\_\_. *Curso de Latim*. 3ª e 4ª séries dos cursos ginasiais (gramática, textos e exercícios rigorosamente de acordo com os programas vigentes). São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1945. 467 p.
- 1945 – 12) \_\_\_\_\_. *A renovação atual dos estudos latinos...* (Aula inaugural proferida na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, para início dos cursos do ano letivo de 1943). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945. 41 p.
- 1955 – 13) \_\_\_\_\_. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica – 1955. 268 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 9)  
13. 1 \_\_\_\_\_. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1957. 302 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 9)

- 1955– 14) \_\_\_\_\_ & FARIA, Ruth. *Novo curso de latim*. 1ª e 2ª séries do curso ginasial. Gramática, textos e exercícios... [por] Ruth Faria e Ernesto Faria. Rio de Janeiro, Ed. da Organização Simões, 1955, 218 p.
- 1955– 15) \_\_\_\_\_. *Dicionário escolar latino-português*. Org. por Ernesto Faria [ com a colaboração de Maria Amélia Pontes Vieira e outros 2ª ed. Rio de Janeiro, MEC, Campanha Nacional de Material de Ensino, 1955. 1045 p. ]
- 15.1 \_\_\_\_\_. [Colab. de Maria Amélia Pontes Vieira e outros] 4ª ed. Rio de Janeiro, MEC, Campanha Nacional de Material de Ensino, 1967. 1081 p.
- 15.2 \_\_\_\_\_. [Colab. de Maria Amélia Pontes Vieira e outros] Rev. de Ruth Junqueira de Faria. 5ª ed. Rio de Janeiro, MEC, FENAME, 1975, 1088 p.
- 1958– 16) \_\_\_\_\_. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica 1958. 524 p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 14).
- 1959– 17) \_\_\_\_\_. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro, Universidade do Brasil, Faculdade Nacional de Filosofia, 1959. 374 p.

## Teses

- FARIA JÚNIOR, Ernesto de. *A pronúncia do latim. Novas diretrizes ao estudo do latim*. (Tese de concurso para o provimento das cadeiras de Latim do Colégio Pedro II). Rio de Janeiro, 1933, 131p.
- FARIA JÚNIOR, Ernesto de. *Pérsio: estudo literário e lexicográfico*. (Tese de concurso para o provimento da cadeira de Língua e Literatura Latina da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil). Rio de Janeiro, 1945, 166 p.

## Artigos, Recensões, Notas

### *Revista Filológica (10)*

- FARIA JÚNIOR, Ernesto. ‘*Galeria dos patronos*.’ (*Notícia biográfica de Francisco Sotero dos Reis, patrono da cadeira nº 4 da A.B.F.*) Revista Filológica – Ano I, nº 4, ago. – set. 1955 – Nova fase, p. 73-74
- FARIA, Ernesto. ‘*A pronuncia reconstituída do latim I*.’ (Resposta a Cândido Jucá (filho), reunindo exemplos, argumentos e bibliografia recente em favor daquela pronúncia.) Revista Filológica – Ano III, nº 18. 1942, p. 159-164.
- FARIA, Ernesto. ‘*A pronuncia reconstituída do latim II*.’ (Conclusão da tréplica às objeções de Cândido Jucá (filho), iniciada no nº 19 da *RF*.) Revista Filológica – Ano III, nº 20, jul. 1942, p. 333-338.
- FARIA, Ernesto. ‘*Lucílio e as origens da sátira latina*.’ (Longo ensaio sobre os poetas satíricos latinos – em especial Lucílio – e o legado dos predecessores helênicos.) Revista Filológica – Ano II, nº 5, 1º semestre de 1956. Nova fase, p. 21-42.

FARIA, Ernesto. 'Complemento ao estudo da sintaxe dos casos.' (Explicação didática do assunto com vista aos alunos da antiga 4ª série ginasial.) Revista Filológica – Ano II, nº 6, 2º sem. 1956 – Nova fase – p. 27-35.

### ***Revista Brasileira de Filologia***

FARIA, Ernesto. A. ERNOUT et A. MEILLET. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Revista Brasileira de Filologia, vol. I, tomo 2 – Dezembro, 1955, p. 223-226.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ A. WALDE, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*. Dritte neubearbeitete von J.B. Hofmann, Revista Brasileira de Filologia, vol. I, tomo 2, Dezembro, 1955, p. 226-228.

### ***Boletim de Filologia***

FARIA, Ernesto. *L. LAURAND* (1873-1941). Boletim de Filologia, Ano I, Setembro 1946 – Fasc. III, p. 153-160

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ *JEAN COUSIN, Les Études Latines* Boletim de Filologia, Ano II – Março 1947 – Fasc. V, p. 52-54.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ J. MAROUZEAU, *Introduction au Latin*. Boletim de Filologia. Ano II – Junho 1947 – Fasc. VI, p. 101-106.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ J. MAROUZEAU, *Récréations latines*, Boletim de Filologia, Ano II – Junho 1947 – Fasc. VI, p. 106-108.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ J. MAROUZEAU, *La Prononciation du Latin*. Boletim de Filologia, Ano II – Junho 1947 – Fasc. VI, p. 109-110.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ *Mémorial des Études Latines*. Boletim de Filologia. Ano II, Setembro 1947 – Fasc. VII, p. 157-168.

### ***Humanitas***

FARIA, Ernesto. *A formação da personalidade de Pérsio*. Humanitas, Vol. II, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, 1948 – 1949, p. 55-65.

### ***Boletim de Estudos Clássicos***

FARIA, Ernesto. *O Ensino e a crise atual da cultura*. Boletim de Estudos Clássicos, vol. II, 1958, S. Paulo, p. 37-59. Publicação sob os auspícios da Associação de Estudos Clássicos do Brasil.

## 12. A glória que fica

### 1. *Solenidade de Posse*

#### 1.1 Saudação ao Prof. Ernesto de Faria

Sr. Prof. Ernesto de Faria:

É, para mim, sumo prazer dirigir a V.Ex.<sup>a</sup>. palavras de saudação e apreço no momento em que V.Ex.<sup>a</sup>. acaba de tomar posse da sua cadeira de Língua e Literatura Latina na Faculdade Nacional de Filosofia, e receber o grau de Doutor em Letras, cargo e distinção que V.Ex.<sup>a</sup>. alcançou pela agudeza da sua inteligência e o esforço do seu trabalho, tudo, está claro, favorecido pela graça de Deus, sem a qual nenhuma diligência humana logra resultado satisfatório.

Comecei a conhecer de mais perto a V.Ex.<sup>a</sup>. quando fui designado para ter exercício como professor de português na escola técnica secundária Paulo de Frontin, da Prefeitura do Distrito Federal. Isto foi em 1934; mais tarde, creio que em 1937, voltei a conviver com V.Ex.<sup>a</sup>. na Universidade do Distrito Federal, onde V.Ex.<sup>a</sup>. tomou a seu cargo um curso de Lingüística, e, pouco tempo depois, a cadeira de Latim, que ia melhor com as preferências intelectuais de V.Ex.<sup>a</sup>.

Em 1939, quando começou a funcionar a Faculdade Nacional de Filosofia, de novo nos encontramos como colegas, V.Ex.<sup>a</sup>. na cadeira, que hoje lhe pertence, de Língua e Literatura Latina, e eu, na de Língua Portuguesa.

De 1934 até hoje tenho acompanhado, pois, um tanto de perto o seu desenvolvimento e a sua expansão de intelectual e de professor. Fui vendo crescer a sua bibliografia, que já é bastante vasta; fui notando a sua dedicação à especialidade que abraçou.

Sendo V.Ex.<sup>a</sup>. uma pessoa afável, de trato delicado e fino, surpreenderam-me os ecos que chegavam até mim, e que, não sendo eu surdo, ouvia perfeitamente, de uma campanha sistemática que se movia contra o ensino de V.Ex.<sup>a</sup>. e contra os seus trabalhos escritos. Não levei muito tempo para perceber que se tratava de, a todo o custo, impugnar a nova orientação trazida por V.Ex.<sup>a</sup>. aos estudos de Latim. V.Ex.<sup>a</sup>. fazia entrar, em dose apreciável, no seu ensino a lingüística do Latim. Nisto estava, sobretudo, a novidade. Não faltou logo quem, exagerando para o lado mau, apregoasse que V.Ex.<sup>a</sup>. fazia todo o seu ensino consistir no estudo da reconstituição da pronúncia clássica do Latim. E choveram as críticas em grande abundância. Mas estas, desprovidas de espírito científico e todas, ou quase todas, envenenadas por visível sentimento de hostilidade, não tinham, em geral, valor apreciável.

Enquanto isto se passava, V.Ex.<sup>a</sup>. trabalhava e estudava.

Quando se estava esgotando o prazo de cinco anos concedidos pela lei ao Governo para nomear interinamente os professores da Faculdade Nacional de Filosofia, e se começava a cogitar de preencher efetivamente os cargos de catedráticos, lembro-me nitidamente de que V.Ex.<sup>a</sup>. não se atemorizava ante a perspectiva do concurso e que, ao contrário, o queria e desejava.

Sou a favor do concurso; não, porém, sem que se realizem modificações na maneira, atualmente adotada, de o executar.

No concurso, feito como costuma ser, pode-se, a meu ver, apurar a ciência do candidato, a sua faculdade de falar e exprimir-se com facilidade, a vivacidade das suas respostas. Mas não se podem verificar devidamente as suas qualidades didáticas, o seu gosto de ensinar, a sua dedicação ao magistério, o seu amor aos alunos.

A vida do verdadeiro professor não é um regalo: é uma vida de sacrifício, é uma vida de apóstolo. Acho que se pode dizer dela, com a indispensável redução de proporções, o que um crítico notou a respeito da vida de S. Paulo: a vida era, para S. Paulo, uma vítima oferecida em benefício de todos. A vida do verdadeiro professor será uma vítima oferecida em benefício do ensino.

Mas os concursos da Faculdade Nacional de Filosofia haviam de realizar-se de acordo com o molde tradicional. E alguns já se realizaram.

O de V.Ex.<sup>a</sup>., que eu acompanhei muito interessadamente em todas as provas públicas, veio mostrar-me que, mesmo dentro da rotina da chamada prova de aula, sem estar presente uma turma de estudantes e sem estar a aula realmente ligada, como um elo, no encadeamento de um curso, é possível ao professor habilitado ministrá-la com perfeito equilíbrio didático, como sei que a aula de V.Ex.<sup>a</sup>. foi julgada por um dos nossos grandes entendidos em Didática.

A defesa de tese de V.Ex.<sup>a</sup>. não foi unicamente brilhante: foi, também, sólida. E todo o concurso de V.Ex.<sup>a</sup>. constituiu uma resposta esmagadora aos adversários de V.Ex.<sup>a</sup>, e foi ocasião de nobre e elevado prazer para todos aqueles que apreciam ver premiado o merecimento.

Sr. Prof. Ernesto de Faria: V.Ex.<sup>a</sup>. já é uma forte realidade em nosso meio intelectual; mas ainda é moço, e tem diante de si a esperança de um largo futuro. O professor, por mais velho e experimentado que seja, tem, sempre, que estudar e aprender. Felicito a V.Ex.<sup>a</sup>. pelo que já realizou, e pelo que, se Deus quiser, ainda há-de realizar em benefício da cultura nacional.

Rio, 4/4/1946.  
Sousa da Silveira.

## 1.2. Saudação do Prof. Jorge Henrique Agostinho Padberg Drenkpol

Carissime et Clarissime D<sup>ne</sup>. Erneste Faria, eximii collegae, dilecti discipuli atque discipulae:

Doctor Latinus Latine videtur salutandus; en, cur aliqua verba Latina dicam, clare lenteque eloquenda, *Farianum* in modum pronuntianda, ut omnes hic praesentes me intellegere possint. Liceat igitur mihi, professori egredienti, ingredientem salvere iubere, atque, ut Persiano versu tibi D<sup>ne</sup>. Faria, notissimo incipiam, sic exordior:

Hunc, Erneste, diem numera meliore lapillo!

Hic enim est dies, quo sollemniter Doctor Latinus agnosceris, quo in sacrum Magistrorum gremium reciperis, quo augustam hanc Musarum sedem coronatus ingrederis. Sed quid te dico ingredientem? Nonne iam multis ex annis hic te vidimus operantem, erudientem, docentem? Nonne iampridem Magister es egregius? – Sane id quidem; sed Magistri se habent – venia sit comparationi – ut boni Christiani, qui, non tantum baptizati, verum etiam confirmati esse debent. Post baptismum receptum Christianus adhuc indiget confirmatione, sancto christimatis sacramento, ad fidem firmandam atque roborandam.

Ita amicus Faria, ut bonus Christianus, idem iam erat bonus Magister, baptizatus in undis laborum magistralium. At – felicius quam ego numquam talem gratiam adeptus – D<sup>nus</sup>. Faria nunc rite est confirmatus sollemni concursu, quem vocant, ut Doctor linguae Latinae! Atque, quoniam in confirmatione opus est patrino aliquo, velut chrismatis patrono, nescio an non videatur temerarium vel insolens offerre me tamquam talem patrinum, qui manum benevolam beneficamque nunc tibi imponat dicens: Doctor Faria, esto fortis atque robustus, utpote munitus ac firmatus in magisterio. En, commissa est tibi ista iuventus Brasiliana literarum cupida: erudi eam, doce eam linguam literasque Latinas, hoc sapientiae sacrarium, matrem hanc linguarum Romanicarum omnium nostraeque Lusitanae. Nobilissima est lingua Latina, prima omnium linguarum toto orbe terrarum quandocumque inventarum, lingua est Sanctae Matris Ecclesiae lingua est omnium scientiarum universalis!

Ac vobis, cari discipuli discipulaque, dico: estote dociles assidueque in studiis, applicantes ad Latinum illud Horatii de Graeco dictum: ... *vos (monumenta Latina) / Nocturna versate manu, versate diurna!* Tam insigni Magistro usi

discite legere Latine, Ioqui Latine, scribere Latine! Sane difficile illud quidem est, atque, ut ait idem Horatius:

Qui vult optatam cursu contingere metam,  
Multa tulit fecitque puer, sudavit et alsit

Sed en, astat vobis victor laureatus, Doctor Faria: eius aemulamini exemplum, eius utimini auxilio!

Omnia denique ut *versibus* nostro amico dicatis complectar, disticha aliqua a me composita pro fine afferre iuvabit:

*Sermonis Latii Doctor* nunc rite probatus  
Es iure ac merito: grator, amice, tibi!

Gratulor ex animo tibi, care et clare Magister,  
Doctor perpetuus nunc stabiliris enim

Suumque Magister sis stabilis, stabilis tibi fiat  
Haec tibi corde precor – vita salusque diu,

Augeat et vires tibi maximus ille Magister,  
Ipsius in laudem sisque Magister amans!

Sitque tibi curae semper refovere iuventam  
Doctrina solida moribus atque bonis

Atque ita per multos servet Deus optimus annos  
*Te sophiae columen Brasiliaeque decus!*

Gratulabundus cecini  
Georgius Henricus Augustinus Padberg Drenkpol

### 1.3 Saudação do Professor Assistente, P<sup>o</sup>. José Joaquim Lucas

Prof. Ernesto Faria

Quis a nímia bondade de meus colegas, vossos assistentes e vossos ex-alunos, fosse eu, na solenidade augusta desta hora, o intérprete do júbilo intenso

que lhes exulta a alma, neste momento de verdadeira glorificação de vossos méritos, neste dia de justa consagração de uma vida inteiramente voltada ao estudo e toda dedicada às rudes lides do magistério.

Se há quem possa avaliar com precisão objetiva este vosso merecido triunfo, ninguém o poderá melhor do que aqueles que vêm *pari passu* seguindo a vossa trajetória, partilhando com mão diurna e noturna dos vossos labores, auscultando os vossos anhelos, participando de vossas lutas e vitórias: os vossos assistentes.

Ninguém poderá ajuizar mais de perto dos vossos méritos, do que os vossos ex-alunos, que convivendo tantos anos convosco, receberam vossas luzes e se beneficiaram de vossos conhecimentos.

Todos nós sabemos o que representa esta vitória, que hoje definitivamente se consolida.

Todos nós bem conhecemos a significação dos louros que vos aureolam a frente.

Todos nós compreendemos a justeza do prêmio que hoje vos galardoa a perseverança, pois não desconhecemos as dificuldades que tivestes de enfrentar e acompanhamos com admiração e entusiasmo o dinamismo de vossas atividades e o ideal magnífico, que sempre norteou vossas atitudes de verdadeiro mestre apaixonado pela matéria, que lecionais.

Não ignoramos os ataques de que fostes vítima da parte daqueles que não compreenderam vossos esforços no intuito de valorizar e aprimorar sempre mais os estudos clássicos de nossa mocidade.

Um dia, imitando a modéstia do máximo orador de Roma, gravastes na página de rosto de um trabalho vosso os seguintes dizeres: *quo minus ingenio possum, subsidio mihi diligentiam comparavi* Até há pouco, vossa admirável dedicação ao magistério demonstrou cabalmente que tivestes diligência igual à do orador romano.

Hoje, porém, as provas brilhantes de vosso concurso patentearam além de vossa diligência, o indiscutível valor de vosso engenho, de vossa cultura. A conclusão magnífica de vossas provas universitárias, como as de vossos colegas, vêm desfazer fragorosamente a versão maldosa de que a Faculdade de Filosofia era um recesso, onde se acoitavam valores hipotéticos receosos de uma comprovação pública e oficial de suas reais possibilidades.

Nós que sentimos o orgulho de ter sido alunos desta Faculdade e alguns a honra de ser vossos assistentes, não poderíamos deixar de nos sentir ufanos ao vermos que vós e outros antigos mestres nossos fizeram merecidamente jus à glória de integrar esta Congregação, como expoentes da cultura universitária no Brasil. Hoje podeis com ufania parafrasear o poeta venusino:

“Sublimi feriam sidera uertice”

Fostes, porém, bem mais feliz do que o célebre cantor da Apúlia.

Aquele, apesar de seu incontestável valor, não teria logrado a glória que conquistou, se não conquistasse as boas graças de Mecenas.

Vós, porém, sem os bafejos de uma proteção palaciana, merecestes esta consagração, que ora se realiza graças exclusivamente ao vosso valor e cultura pessoais.

Por tudo isso, prezado Mestre, rejubilam-se convosco vossos assistentes e vossos ex-alunos e calorosamente vos felicitam nesta hora solene, partilhando assim do alvoroço e do júblio legítimo de toda nossa Faculdade.

P<sup>o</sup>. José Joaquim Lucas

#### **1.4 Saudação do representante do corpo discente, Baltasar Xavier.**

Prof. Ernesto Faria

Recebi o grato encargo de saudar-vos neste momento, em nome do corpo discente da casa, principalmente os alunos de Letras.

Um jogo de contrastes faz com que, assim, o menos moço dos discípulos se dirija, sem maiores embaraços, ao mais jovem dos catedráticos.

Da minha parte ( modesto autodidata insatisfeito que bateu às portas da Faculdade de Filosofia não só por um escrúpulo de adimplemento de formalidades legais – tal o rábula provisionado que atravessasse, um dia, o limiar dos cursos jurídicos – mas também, e sobretudo, por desejar reajustar a sua formação científica e literária no convívio universitário, entre mestres esclarecidos, através de bibliografia fresca e vívida e por meio de pesquisas e discussões oportunas), da minha parte, dizia, já o vosso nome e a vossa obra, mesmo longe, não eram estranhos. Melhor: não eram indiferentes. Mais ainda: despertavam o estudo e as indagações, semelhantes, quiçá, a essas pedrinhas que se jogam à superfície plácida dos lagos e desenvolvem um sem-número de ondas e encrespações...

Soube, desde logo, e com agrado, que éreis apenas professor-professor. E não professor-dentista ou professor-farmacêutico ou professor-qualquer-cousa-mais, classe de que se queixava, nos centros universitários platinos, em escrito

recente, Mestre Amado Alonso e à qual, nos seus empirismos, nas suas dissipações ou nas suas *suffisances* (digamos assim), atribui ele grande parte do malogro das técnicas ou dos melhores empenhos científicos.

Quando, pois, há três anos, transpus o vestíbulo da casa, com todos os ônus que isso me acarretou, naturalmente passei a observar de perto o homem e a obra que já me chamara a curiosidade. Senti – e ainda agora este sentimento me permite estes reparos – senti que não tínheis muito jeito para medalhão-pendurado-na-glória ou mesmo para catedrático-enfaixado-nas-becas-bolorentas. Tanto melhor. Agitava-se ou perpassava, entretanto, nas suas inquietações ou na sua vocação apostolar, um autêntico estudioso e pesquisador, para o qual a sua disciplina, o latim, também não obrigava a espirros e rapés, nem oferecia engrolações retóricas e pomposas, para engano d’almas ingênuas e embeleco das rodinhas de botica, entre o gamão e o tabuleiro de damas. Vi que não possuíeis o Chernowitz nem léis horóscopos para a freguesia.

Foi sempre – e é ainda – a minha observação. E não há decepção nenhuma nisso. Pelo contrário.

Como quer que seja, escusamo-nos os vossos alunos – meros aprendizes que somos – de fazer julgamentos sobre os vossos invulgares méritos culturais e profissionais, pois os vossos livros são do conhecimento dos doutos, vossa carreira funcional manteve constante impulso ascendente e, mais do que tudo, penso eu, vosso recente concurso público documenta suficientemente; esse concurso em virtude do qual vos é agora conferida a dignidade de Catedrático efetivo da Universidade e, em consequência, a de Doutor em Letras Clássicas. Está presente aqui, neste momento, a maioria dos vossos severos e sapientíssimos examinadores, juizes e, agora, testemunhas mais do que fidedignas da vossa vitória inconcussa e galharda.

Por falar nesse concurso: assisti a todos os atos públicos dele e, francamente, vale a pena comprar caro uma cadeira de primeira fila, como fiz eu (como fez, por exemplo, Mestre Sousa da Silveira), para assistir a justas gentis e renhidas como essa de que saístes armado cavaleiro da vossa dama, isto é, da vossa cátedra e da vossa disciplina querida. Soubestes, vós e os vossos temíveis contraditores da banca examinadora – às vezes verdadeiros advogados-do-diabo – evitar o choro e o ranger de dentes desses prélios infernais a que se dá o nome de *concursos públicos de magistério*. Vimos todos, por exemplos, como nem se queimaram hereges em efígie ou, sequer, a reputação de ninguém saiu ferida com uma flor de retórica ao menos, nem mesmo com um mau pensamento ou alusão longínqua. Alunos, trouxemos essa lição de nobreza, que valeu.

Agora, recebei o prêmio da vossa sinceridade de propósitos, da vossa honestidade intelectual, de vossas próprias fadigas físicas e, por ventura, dos vossos dissabores morais, resultantes, vez por outra, de qualquer golpe proibido de outras refregas menos felizes.

O vosso poeta, aquele jovem *poeta da virtude* (como diz Vincenzo Monti), começa a sua primeira sátira com este verso desalentado:

*O curas hominum! O quantum est in rebus inane!*

“Ó preocupações humanas! Quanto vazio existe em tudo!”

Tal não é, de forma alguma, a vossa situação. Lutas, canseiras, aflições, pragas ou doestos, já não há que valham. Ganhastes a batalha e recebeis agora a vossa panóplia e, mesmo, os vossos troféus.

Não há vazio nenhum hoje. Esta é uma hora plena e este é um dia cheio.

Podeis mesmo, neste esplendente *show* de amigos, discípulos e admiradores, usar da vaidade ingênua do vosso Aulo Pérsio, no verso 28 da mesma primeira sátira:

*At pulchrum est digito monstrari, et dicier: hic est!*

“Mas como é bonito ser apontado com o dedo e ouvir dizerem de si: ele é este!”

Pois não, meus senhores: *hic est!*

Baltasar Xavier

## **2. Um Humanista.**

### ***Tristão de Athayde***

Escreveu Garrett que Camões morreu com a pátria. Teria o nosso Ernesto Faria Júnior morrido com... o latim?

É provável, pelo menos, que a morte do latim, em nosso ensino secundário, poucos dias antes de sua própria morte, tão inesperada e prematura, tenha apressado o seu fim. Pois se pode dizer que viveu para o latim e para o seu ensino. Desde os tempos da Universidade do Distrito Federal – quando Capanema colocara o latim no centro da formação ginásial – dedicara-se Ernesto de Faria de corpo e alma à grande língua, fonte da nossa e veículo de tanta e tão

perene sabedoria. A princípio, de modo hesitante e canhestro. E, por toda a sua devotada carreira de mestre, sem dar ao ensino aquele calor de transmissão que convence os alunos e é capaz de dar vida a uma língua morta.

Pois bem, à custa de um ingente esforço de dedicação e de estudo, conseguiu vencer todos os obstáculos e pouco a pouco se tornar um autêntico mestre no seu ramo científico. Publicou obras didáticas valiosas. Participou de congressos internacionais de filologia, onde deixou uma sólida reputação. Criou todo um grupo de discípulos, assistentes e auxiliares de ensino, aos quais comunicara a sua paixão pelo venerável tronco de nossa linguagem. Contava, com esse incansável trabalho, corrigir o principal obstáculo que encontrara, no campo do ensino, à drástica introdução do latim, como matéria básica de formação humanista: a falta de professores. Não basta fazer de uma matéria, por mais fundamental que seja, a coluna mestra da formação educativa. É mister que haja professores em número e qualidade suficientes, para que a reforma não seja apenas de caráter nominal. Foi o que ocorreu com o latim. Não havendo mestres em número suficiente e tendo a matéria sido introduzida nos programas, em caráter maciço e inesperado, o resultado foi, até certo ponto, contra-producente. Criou-se, tanto nos professores como nos alunos, tanto nas direções dos estabelecimentos como na opinião pública, o sentimento de que realmente era o latim um ensino acadêmico, anacrônico, ornamental, que deveria ser substituído, como acabou sendo, num passe de mágica, por uma dose maciça de ciências. Passou-se, como sempre, de um extremo a outro. Ou o latim no centro do ensino secundário. Ou o latim como simples matéria optativa. E, para substituir o excesso de latim, o pragmatismo utilitarista introduziu o excesso de ciências... E como não há, tampouco, professores de ciências em condições de ensinar como deve ser, vai suceder com as ciências o que ocorreu com o latim: ao cepticismo latinístico o cepticismo científico...

Enquanto isso, o nosso apóstolo dos estudos clássicos desaparece em plena maturidade de espírito, quando estava justamente dando os frutos de sua extrema dedicação ao estudo da nossa língua tronco. Não sou fanático do ensino do latim, no currículo secundário. Maritain o substitui, mesmo, em seu plano pedagógico, pelo da lingüística geral. E considero que o latim mal ensinado, como desde a nossa geração vinha ocorrendo, dá armas aos adversários da cultura humanística e concorre para espalhar o cepticismo pedagógico, que a indigestão de ciência tampouco há de curar.

Seja como for, o nosso grande latinista teve a sua morte precipitada, sem dúvida, pelo grande desgosto com que a passagem do latim para matéria marginal lhe ensombrou os últimos dias de vida. De uma vida de tal amor à causa

do ensino e de tão alta dedicação à nobre matéria a que se dedicou, sem reservas, que seu nome ficará para sempre ligado à história do nosso incipiente e mal-aventurado humanismo. Mas, como a gloriosa língua do Lácio, insuperável instrumento não apenas de ilustração, mas de cultura, sobreviverá a todas as mortes e ressurreições parciais a que as reformas de ensino a tem submetido, o nome do nosso saudoso mestre e amigo também sobreviverá ao seu prematuro e inesperado desaparecimento.

Jornal do Brasil, 6/4/1962.

### **3. Dois Textos da Professora Amelinha.**

23 de maio de 1962

Nosso querido Mestre – Prof. Faria – emudeceu. O coração humano deixou de pulsar, mas persiste a irradiação de sua bondade que nos vai envolvendo pela vida afora, para converter a “ausência” dolorosa em uma “presença” de pensamento, de espírito, de vida verdadeira.

Seus livros, que compõem obra douta e esclarecida, ficaram-nos a jorrar doutrina e autenticidade. Professores ilustres respeitaram-na e louvaram-na, no Brasil e no estrangeiro. Graças a ela, *non omnis morietur*, “ele não morrerá de todo”. Assim conforta-nos o poeta Horácio, quando a saudade convida-nos a rememorar virtudes do Mestre que se despediu, no apogeu de sua carreira, com um entusiasmo e um fervor que eram riqueza de sua personalidade. Bem posso estender à sua vida aquelas reflexões que Coelho Neto dirigia, fraternalmente, ao Dr. Carlos de Laet (também professor):

“Felizes os que chegam à tarde da vida com a mesma alegria, com a mesma saúde espiritual e a mesma fôrça de ânimo com que nela amanhecera. Quantos logram tal ventura? Raros e esses são os privilegiados de Deus”.

Tarde privilegiada de emoção e carinho seja esta em que homenageamos um “privilegiado de Deus”: modelar chefe de família, educador estudioso, apóstolo fiel de sua doutrina, intelectualmente apaixonado pela tradição humanística, homem tenaz nos seus propósitos. Desalentos, incompreensões, às vezes mágoas d’alma, não alcançaram arrefecer o impulso do Ideal que abraçara. Sempre na brandura de sua amizade todos o haviam de encontrar pronto para servir e ajudar – atento, delicado, de uma simplicidade cativante.

Amava esta Faculdade, apegou-se a ela afeiçoadamente. Seus problemas ocupavam-lhe as melhores horas de trabalho; sonhava para ela a projeção mais alta no cenário universitário e, à semelhança de um Pai vigilante, pressentia os anseios adultos ou pueris dos nossos alunos.

Tudo aquilo que atingisse o saber, a inteligência, o conhecimento, era uma festa para o Prof. Faria. Seu legado emoldura-lhe a lembrança – tão amiga! – e há-de florescer: um nome honrado, um exemplo de vida consagrada à causa do ensino. *Super omnia e super omnes* a sua atuação nesta Casa foi brilhante, sem ostentação. Semeou renovação e esperanças:

Tive abençoados anos de convivência com o Prof. Faria, desde que, pela 1ª vez, ainda ginásiana, fui-lhe apresentada por um seu colega e meu antigo professor de inglês – Dr. Carlos Ramos. Recebi, então, lições para ingressar na Universidade do Distrito Federal. De lá até o triste dia de sua morte, nunca empalideceu a amizade e o reconhecimento que lhe devo.

Hesitei em falar, hoje. A perda do amigo generoso repassa-me a alma de saudades, sombras do que se foi... mas, sendo o dia de seu aniversário, e à custa de recordar como, nesta data, o víamos mais alegre do que sempre, sinto-me feliz porque, no silêncio de Deus, eu acredito que êle nos está ouvindo, nessa harmonia misteriosa que une as criaturas ao Criador.

Maria Amélia Pontes Vieira

22 de março de 1963.

Nesta sessão de abertura da 3ª Semana da Grécia, quando deveríamos ouvir o nosso pranteado chefe e amigo – Prof. Ernesto Faria – discorrer sobre “os estudos clássicos no Brasil” – não poderia a cadeira da qual era digno e sábio catedrático deixar de se expressar, comovida e humildemente, homenageando, assim, aquêle que hoje continua e continuará presente e vivo em nossa lembrança. Presente nas salas de aula desta Faculdade que êle tanto estimava, presente pela moderna orientação que imprimia a seus cursos, presente pela bondade com que pacificava difíceis situações.

Sua alegria, bom humor e otimismo davam um colorido característico à sua personalidade. Alegre se sentia se podia ajudar alguém. A alunos abria, generosamente, sua casa, e a acolhida que lhes dava era tôda especial.

No trato diário sua simplicidade a todos cativava. Sabia ser enérgico sem intransigência, divergia sem ferir e era de uma habilidade sem par para fazer amigos.

Dos 37 anos que dedicou ao magistério ininterrupto do latim, 22 êle os consagrou a esta Faculdade. Lutou, sem tréguas, para o engrandecimento desta Casa que honrou e serviu até o fim de sua vida.

O aprimoramento da cultura e uma larga visão da realidade foram sempre o seu norte nos cursos que ministrou.

A obra esclarecida e doutra que immortalizará, sem dúvida, é um testemunho vivo do seu devotamento à causa do ensino.

Evoquemos, para finalizar, uma página do saudoso ausente que bem reflete o respeito que tributava às tradições humanísticas de nossa educação e que êle, na paz de Deus, a recolha como sentida homenagem de seus auxiliares, enlutados com sua tão inesperada partida:

“Assim, tudo nos leva a persistir em dar à nossa educação nacional uma orientação nítida e preponderantemente humanística, no sentido mais amplo do termo, isto é, de forma a dar aos nossos adolescentes uma cultura geral harmônica e equilibrada. Esta cultura evidentemente compreenderá em si a prática da experimentação científica e sua técnica de observação, elementos essenciais da cultura contemporânea. Mas também não deixará de dar os elementos, tão indispensáveis quanto aquêles, para que o nosso adolescente possa por si mesmo compreender que a sua civilização e a sua língua, o que dela faz parte e a integra, tiveram um passado que lhe cumpre conhecer para que o possa amar, que acima das contingências materiais há grandes princípios e nobres ideais que devem nortear a sua vida no sentido da solidariedade humana, da confraternização universal, da justiça, do bem e da paz. É esta superior hierarquia de valores que nossos estudos de humanidades sempre procuraram alcançar, constituindo o melhor de nossas tradições culturais”.

Professora Maria Amélia Pontes Vieira

#### ***4. Carta da Associação de Estudos Clássicos do Brasil.***

São Paulo, 23 de março de 1962.

Excelentíssima Senhora Dna. Ruth Faria

A Secção de São Paulo da Associação de Estudos Clássicos não pode deixar de comparecer, verdadeiramente enlutada, perante Vossa Excelência, a fim de exprimir-lhe o mais profundo pesar pelo falecimento do seu ilustre esposo,

Senhor ERNESTO FARIA JÚNIOR, possuidor dos mais preciosos dotes de espírito e de caráter. Com êle perdeu Vossa Excelência o companheiro amante e dedicado, e a Associação de Estudos Clássicos o grande Presidente que tanto batalhou pela sua causa e pelo triunfo dos seus ideais.

A Secção de São Paulo, em reunião de 17 do corrente, por proposta do Senhor Desembargador JUAREZ TOLEDO BEZERRA DE MENEZES, unanimemente aprovada, fez consignar em ata a expressão daquele pesar. Usou da palavra o Professor Dr. ARMANDO TONIOLI, que prestou à memória do seu saudosíssimo confrade e Presidente Geral as sentidas homenagens de todos. Por proposta da Professora Dra. AÍDA COSTA ficou decidido celebrar-se uma missa em sufrágio da alma do querido Amigo, no dia 7 de abril, às 9 horas, na Igreja da Consolação, nesta cidade.

Também o Prof. Dr. ROBERT HENRI AUBRETON deu conta da participação que tivera em nome da Associação de Estudos Clássicos do Brasil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, do Departamento de Letras e em seu próprio nome, nos funerais realizados, como afetuoso amigo do Professor ERNESTO FARIA JÚNIOR. O Professor AUBRETON acrescentou o testemunho de sua tristeza que era a de todos os presentes.

Queira, Excelentíssima Senhora, aceitar o testemunho da elevada consideração com que, pela Secção de São Paulo da Associação de Estudos Clássicos, tenho a honra de subscrever-me.

De Vossa Excelência respeitoso servidor,  
Mauro W.Q. de Almeida  
Secretário da A. E.C.B  
Secção de São Paulo

## *5. Texto de Antonio Houaiss*

### Homenagem

Ernesto de Faria Júnior – autoralmente Ernesto Faria – nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1906 e nela morreu em 1962. São passados, assim, vinte anos de sua ausência – e, no ensejo em que se reedita uma obra sua de referência e permanentemente útil, é justo que um dos seus alunos – que dele fui desde 1930 – aqui diga umas palavras a seu respeito.

Discípulo que fora (e que – repetia-o – continuou toda a vida) de Antenor Nascentes nos bancos escolares secundários, Ernesto Faria ao mestre se ligou por devota amizade, que despertou cedo nele a vocação do magistério – porque, noutros tempos, antes de ser duro meio de vida, o magistério era vocação e duro meio de vida. Mas, se o mestre – rico de helenidades, latinidades, romanicidades, hispanidades, lusitanidades, brasileiridades – preferira enveredar, depois de incursão no ensino do espanhol, pelo senhorio e ensino do português, a ele, Ernesto Faria se impunha responder ao seu chamamento mais íntimo: iria ser professor de latim, iria ser latinista. Na verdade, Antenor Nascentes e Ernesto Faria buscaram a mesma coisa, a cultura languageira, mas cultura languageira que, em lugar de formar potenciais mundanos cosmopolitas hedonísticos ou também e concomitantemente burocratas e empreseirios, formasse sobretudo homens de inteligência e sensibilidade abertas a mudanças e à necessidade de mudanças em que a compreensão profunda das diferenças fosse a condição para uma justa vivência e participação de um mundo só, tragicamente dilacerado embora.

A entrada de Ernesto Faria no magistério oficial se fez por concurso de provas para a seção de português, latim e literatura do ensino técnico-secundário da Prefeitura do Distrito Federal: na Escola de Comércio Amaro Cavalcanti, fazia pouco inaugurada (onde eu entrara logo para o seu curso propedêutico, após o que teria os meus anos de perito-contador, que os tive), nessa escola, em 1930, eu estava na turma a que ele deu sua primeira aula oficial de português, com uma técnica didática aliciante que desenvolvera no seu exercício de professor de escolas particulares. Terminada a aula, tive consciência de que ao meu destino se acenavam horizontes novos: iria eu também dedicar-me à minha língua vida em fora (já que ainda ignorava que, para ele, o objetivo principal era outro, era o latim). A escola – sob a inspiração de Anísio Teixeira – recebia logo uma impressionante galeria de professores notáveis: além de Ernesto Faria, fomos – os do meu tempo – alunos de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, Pascoal Leme, Adelino Magalhães, Maria Junqueira Schmidt e tantos mais, cuja importância o tempo veio a confirmar.

Em pouco, comecei a freqüentar vorazmente a biblioteca de Ernesto Faria – que me indicou naquele então tudo que estivesse à altura de minorar minha incultura e deseruição quanto a literatura – brasileira, portuguesa, espanhola, francesa, latina – quanto a filologia, quanto a lingüística. Quando faltasse, na biblioteca de mestre Nascentes se ia, respeitosamente, buscar. E nelas nem me faltaram leituras politizantes.

Vi-o, a Ernesto Faria, após as canseiras das aulas diárias, lutar contra o tempo, no preparo sôfrego de sua tese de concurso para a cátedra de latim do Colégio Pedro II, *A pronúncia do latim, novas diretrizes no ensino do latim*: era o ano de 1933. Escusa dizer que, com 27 anos de idade, era muita petulância sua querer dar diretrizes ao ensino de uma língua que, com raízes numa tradição multissecular, fora também a primeira língua de cultura ensinada no país sob diretrizes mais que sabidas e consabidas. Quem era aquele magro professorzinho para propor “nova” didática, mais que isso, novas diretrizes, novas idéias-forças para o ensino, o aprendizado, o uso moderno do latim? E – a haver uso – que uso?

Qualquer síntese que se tente fazer da luta docente de Ernesto Faria fica sem sentido, se não se buscar resumir seu pensamento sobre o ensino, o estudo e o uso do latim na contemporaneidade – sobretudo porque seu pensamento se tornava maduro a esse respeito exatamente quando a “crise do latim” chegava ao auge no Brasil.

Ernesto Faria estava, já então, convencido de que eram profundamente negativas as seguintes posturas em face do latim: 1) ensiná-lo a reboque da tradição – eu diria mais rigorosamente – a reboque da inércia com que se amolecera dentro da Cúria romana e da docência nos seminários católicos mundo em fora; 2) ensiná-lo como língua viva e, por conseguinte, como coisa que tivesse em si mesma seu fim, já que numa língua viva o que se deve querer é o seu manejo, oral e escrito (se língua viva de cultura) para as situações sociais concretas em que os interlocutores (ou interscribentes) necessitam dela para se comunicarem. Ao invés disso, Ernesto Faria postulava: 1) não se buscará “falar” nem se buscará “escrever” o que já não se fala nem se escreve – e “onde” se fala e se escreve o latim é um reduto que quase nada mais tem do latim, a Igreja e certas universidades que pediam teses em latim: no mínimo, aí havia – ressalvadas as mensagens universalistas papais para povos de *todas* as línguas – um exibicionismo aristocrático e elitista classificatório, sem possível proveito senão para os iniciados, muito reduzidos num mundo em democratização do saber; 2) era a insistência em querer fazer “falar” e “escrever” latim que transformava esse ensino em algo irracional à sensibilidade e inteligência dos estudantes, violentados por essa total gratuidade – já que, como “exercício” mental, dizia-se, o xadrez, a lógica, as matemáticas dariam (e davam) mais; 3) entretanto, o latim era, efetivamente, a chave para uma aquisição constelar da língua portuguesa de cultura e, com ela, das línguas românicas de cultura e, com elas, das línguas de cultura, sem falar da abertura cultural que havia em saber ver as sementes do presente no passado, em abundância no

passado clássico (que explicava também a Antiguidade oriental), sem o qual a Idade Média seria (mas não era) um interregno de sombras, o Renascimento, um capricho, e a modernidade, um acaso.

Creio que – embora sintetizadíssimas, linhas acima – fui fiel à pregação de Ernesto Faria, quanto à conveniência, à oportunidade, à vantagem, à necessidade do estudo do latim no mundo de hoje: o problema era, pois, acima de tudo o de uma nova visão do presente, para melhor querer do passado, do passado potencialmente presente.

De todos os modos, pareceu ao seu tempo algo deslocado que quem postulava o reconhecimento do latim como língua que não devia ser ensinada para ser falada apresentasse como tese de concurso algo sobre a *pronúncia* do que não se destinava a ser falado.

Era, é óbvio, o sofisma. Ernesto Faria, em sua obra, mais de uma vez tratou do trabalho pioneiro, nesse respeito, de Vicente de Sousa – Vicente Ferreira de Sousa (1852-1909) –, que fora professor do Colégio Pedro II e que buscara divulgar entre nós a pronúncia reconstituída ou restaurada – a pronúncia clássica – do latim. A questão não se propunha como bizantinice ou chinesice ou trivialidade da erudição: todos os sistemas fonológicos românicos – e seriam, “nacionais”, muitos; regionais, dezenas; dialetais, centenas ou milhares – só se compreendiam se enlaçados ao românico ou ao (dito) latim vulgar, já de si regionalmente diferenciado, e repropunham ou retropropunham aquela pronúncia do latim. Ora, se o latim passasse a ser estudado sobretudo como “fonte” – histórica, cultural, literária, lingüística, lexicológica, fonológica, sintáctica, semântica – das línguas românicas e das línguas modernas de cultura, era evidente que a questão da sua pronúncia se alçava à categoria de questão necessária – fácil, aliás, de provar e dominar, por quem não estivesse imbuído de preconceitos.

Compreende-se, assim, que Ernesto Faria malograsse no seu intento de conquistar a cátedra de latim do Colégio Pedro II. E – pelo que se viu subsequentemente – perdeu-se, com isso, o único batalhador capaz, através do prestígio então ainda vivo daquele estabelecimento de ensino, de lutar por uma causa que se degradou pela interferência do equívoco quanto aos fins e do desconhecimento quanto aos meios de quantos quiseram entrar na querela do latim ou não-latim no nosso ensino e nosso meio.

Em verdade, uma das grandes motivações para Ernesto Faria como autor – ao lado do sempre professor – foi produzir livros em três frentes da mesma batalha: livros escolares de nível secundário ou superior, que apoiassem o ensino do latim segundo sua visão, nas diretrizes que deviam inspirar o estudo do latim no mundo moderno como esforço do adolescente de fazer-se mais apto

ante o mundo; livros didáticos de alto nível que orientassem os professores no seu trabalho de ensino do latim, e livros de cultura que, abertos a leitores menos especializados ou habilitados, os tornassem capazes de opinar sobre a importância do latim e da cultura clássica no mundo de hoje.

Desse modo, a docência e a autoria foram atividades paralelas e complementares – que poucos conseguem realizar de forma tão harmônica quanto o fez Ernesto Faria.

O lado mais humano de sua vida é aqui omitido, mas não esquecido: lembremos que, órfão de pai muito cedo, teve consigo sempre sua mãe, ela também professora nos seus tempos de trabalho; que, quando do seu primeiro casamento, sofreu a perda trágica de sua primogênita num brutal acidente de trânsito urbano, que o marcou para sempre, pois foi a causa de sua – à maneira de Alceu Amoroso Lima – reconversão ao catolicismo; que cedo enviuvou; que reviveu sua vida conjugal abençoando-se com novos filhos; que cumpriu sua vida estigmatizado pela presciência do que teria, como seu pai, vida curta – o que, em certo sentido, foi assim, pois a morte lhe veio, pela feição não esperada de mal cardíaco fulminante, quando apenas tinha cinqüenta e seis anos de vida e todo um horizonte de projetos de trabalho pela frente. Morte que, sem pieguices, foi uma resposta emocional à degradação que sancionava contra o ensino e estudo do latim.

Seu trânsito para o ensino superior se deu como professor assistente de língua latina na Universidade do Distrito Federal em 1936, universidade que iria, breve, ser ingloriamente absorvida com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia, integrada na Universidade do Brasil; em 1939, Ernesto Faria era catedrático de língua latina dessa faculdade; em 1946 era nela chefe do departamento de letras e em 1952 seu vice-diretor: dez anos depois, no seu gabinete de trabalho na faculdade, foi visitado pela Parca.

De 1933 a 1962, em vinte e nove anos de labor sem vagares, Ernesto Faria produziu dezessete títulos, pelo menos (sem contar conferências e artigos cujos textos não foram ainda recolhidos). Quem compulse seus livros, observará a presença quase constante de agradecimentos dirigidos a amigos, em verdade ex-alunos seus ou ainda então alunos seus. É que poucos mestres terão tido, mais que Ernesto Faria, o desejo e o sentimento de fazer escola, de criar, em suma, um grupo de continuadores que no magistério e fora dele, se dessem à causa que abraçara. O utilitarismo de visão estreita, o engurgitamento curricular, a massificação – por oposição à democratização – dos quadros docentes e discentes foram progressivamente reduzindo o latim a tão pouco, que a muitos pareceu melhor extingui-lo.

Não citarei nomes dos que se fizeram seus discípulos, numa linha que vem de Antenor Nascentes – e, antes, de Fausto Barreto – e é por ele continuada. Temo omitir. Mas estou certo de que a muitos deles que lerem esta nota lhes ocorrerão traços inconfundíveis do mestre e amigo que foi Ernesto Faria, tão atento à formação cultural de cada um e ao mesmo tempo tão solidário com a vida material, espiritual e sentimental de cada um.

A bibliografia de Ernesto Faria, aqui estampada, não busca ser exaustiva, tanto é fato que o primeiro título, acima referido, dela não consta – a sua tese de concurso.

Nessa bibliografia ver-se-ão as três vertentes do seu trabalho autoral. O que não se verá, porém, é a adequação de cada texto ao projeto que o animava – fazer do latim e sua cultura um instrumental cultural que situe o estudioso e o homem no universo da cultura contemporânea sempre que esta vise a um tipo de universalidade humanística que não busque uma tecnificação que tangencie a pulverização dos homens em cada homem.

Os livros – os livrinhos, disse o fabulista – têm seu destino. Alguns morrem, mas foram ou não foram fecundos. Há, no acervo autoral de Ernesto Faria, alguns que pulsam de vitalidade e que continuam vivos para quantos queiram não apenas estudar o latim e sua cultura, mas também buscar suas conexões com o português e as línguas de cultura e o mundo moderno. A reedição do seu *Dicionário escolar latino-português*, é assim, relevante e auspiciosa para quantos, muito além e muito aquém do *escolar*, se interessem por aqueles fatos de cultura.

Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1982.

Antônio Houaiss

(da Academia Brasileira de Letras)

## 6. *In Memoriam*

Ernesto de Faria (1906-1962)

Avec Ernesto de Faria la latinité perd un de ses répondants les plus sûrs et L'Amérique latine un des représentants les plus éminents de la science mondiale.

Dès sa vingtième année, Ernesto de Faria inaugurerait sa carrière d'enseignement au Collège Pedro II de Rio de Janeiro, et peu après entraît au Lycée Français comme professeur de latin. Ses premiers cours le désignèrent

à l'attention de nos compatriotes Jérôme Carcopino et Jacques Perret, envoyés à Rio em mission, et em 1939 il était investi de la chaire de langue et littérature latine de L'Université du Brésil. Vice-directeur de la Faculté Nationale de Philosophie en 1946, il accédait au directoriat en 1957, pour être réélu em 1960, em même temps qu'appelé à présider l'Association des Études Classiques du Brésil.

Quand je fus appelé em mission à Rio, je trouvai le professeur De Faria investi d'une sorte de mission tacite de promoteur et organisateur des études latines au Brésil: la cohorte de ses élèves, l'essaim de ses assistants et jeunes collègues l'entouraient d'une atmosphère d'affection respectueuse et de quasi-dévotion, qu'ont pu apprécier au cours de missions suscitées par lui nos collègues Piganiol et Durry. Quant aux latinistes de chez nous, ils ont eu l'occasion de lui manifester leur estime et leur sympathie au cours de voyages qu'il accomplit en qualité de délégué du gouvernement brésilien en France et au Portugal ou de congressiste à Londres et Copenhague: notre Société et son Groupe romand l'ont accueilli et acclamé comme le promoteur et le représentant éminent des études latines dans un pays où avant lui la place leur était encore mesurée.

Ses ouvrages sont nombreux, inspirés par la nécessité de procurer les manuels nécessaires à tous les degrés de l'enseignement, et de doter les nouveaux venus au latin des instruments de travail et des ouvrages d'initiation qui leur manquaient encore. Il a été à cet égard un prospecteur et un promoteur.

Mais le mérite essentiel de Faria et le titre de gloire qui restera attaché à son nom, c'est la valeur humaine de son enseignement: accueillant à tous, serviable à ses collègues, ami surtout des jeunes, auxquels l'attachait une familiarité fraternelle, il a su, pendant sa trop courte carrière, conférer aux études classiques un lustre et un rayonnement qui devraient être garants de leur essor dans pays en devenir.

J. Marouzeau  
(Société des Études Latines)

### **13. Agradecimento**

Não posso deixar sem registro um agradecimento muito especial a Maria Dulce de Faria, a filha que me franqueou a leitura da preciosa documentação, relicário da família, de que muito me vali.

## Notas e Referências

- (1) COSTA, Aída. *A vida e a obra de Ernesto Faria*, in: Boletim de Estudos Clássicos, nº VI – 1967, S.Paulo, . 29-41.
- (2) PERRET, Jacques. *A Atualidade dos Estudos greco-latinos*, F. Briguiet & Cia, Editores, Rio de Janeiro, 1937.
- (3) CHEDIAK, Antônio José. *Síntese Histórica da Academia Brasileira de Filologia (1944-1949). Primeira parte*, inédito, Rio de Janeiro, 1999.
- (4) ELIA, Sílvio. *Ensaio de Filologia e Lingüística*, 2ª edição, refundida e aumentada, Grifo/MEC, Rio de Janeiro, 1975.
- (5) TUFFANI, Eduardo. *Repertório Brasileiro de Língua e Literatura Latina (1830-1996)*. Íbis, Cotia, SP, 2006,
- (6) COSERIU, Eugênio. *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem. Estudos de História da Lingüística*, tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira, Presença/Editora da USP, Rio de Janeiro, 1980.
- (7) VALLE, Rosalvo do. *Os estudos clássicos na Universidade*, Cadernos de Letras da UFF, nº 1, Niterói, RJ, 1990.
- (8) FARIA, Ruth Junqueira de. *Lívio Andronico: a obra, a língua, a métrica*. Tese de Livre-Docência, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1975.
- (9) VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a “Peregrinatio Aetheriae”*. Tese de Livre-Docência, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1975.
- (10) In: ARAÚJO, Antônio Martins de. *Índices da Revista Filológica*. (Arquivo de Estudos de Filologia, História, Etnografia, Folclore e Língua Literária). ANPOL – GT – Historiografia da Lingüística Brasileira – Indexação das Revistas Filológicas Brasileiras do Fascículo XX.
- (11) Sobre Jorge Henrique Agostinho Padberg Drenkpol (1877-1948) e sua espantosa erudição, ver “Elogio de Padberg – Drenkpol” no discurso de posse de Gládstone Chaves de Melo como seu sucessor na Academia Brasileira de Filologia – In: MELO, Gládstone Chaves de – e SILVA NETO, Serafim da. *Conceito e Método da Filologia*, edição da “Organização Simões”, Rio, 1951, p. 59-85.

Não se veja malícia ou descortesia na saudação *em latim* (e lida na pronúncia reconstituída que Ernesto Faria defendia e propagou: *verba latina... Farianum in modum pronuntianda*) – o que destoa frontalmente da nova orientação de que Ernesto Faria é o líder entre nós. Trata-se, na verdade, de um encontro cordial, por ventura uma despedida, da orientação tradicional, que sai, (do *professor egrediens*) com a nova orientação, que chega (do *professor ingrediens*). Padberg Drenkpol foi fiel à sua sólida formação humanística europeia tradicional, revista pelas novas orientações lingüísticas e metodológicas,

que têm em Marouzeau e em Faria duas figuras emblemáticas. Porém, naquela saudação cândida está patente o apreço do velho mestre, que se aposenta como catedrático de Língua e Literatura Grega, ao jovem catedrático de Língua e Literatura Latina – seu colega na Universidade e seu confrade na Academia Brasileira de Filologia.



Foto da Solenidade de posse quando, de pé, falava o novo catedrático.

Da esquerda para a direita: 1. Dr. Heitor Silva Correia, Secretário da F.N.F., 2. Prof. Faria Goes Sobrinho, Representante da Congregação, 3. Prof. Antonio Carneiro Leão, Diretor, 4. Reitor Inácio de Azevedo Amaral, 5. Prof. Ernesto Faria, 6. Prof. Sousa da Silveira.

No auditório, na 1ª fila, o Prof. Padberg Drenkepol.